

TREINAMENTOS DO BPEC E A CONSTRUÇÃO DA SEGURANÇA ESCOLAR: IMPACTOS E PERSPECTIVAS

BPEC TRAINING AND THE CONSTRUCTION OF SCHOOL SAFETY: IMPACTS AND PERSPECTIVES

Elysson Leonty dos Passos¹

Jennifer Cristina Kovalski²

Elieser Augusto Machulek³

RESUMO: Esse artigo buscou analisar as percepções de professores e funcionários de escolas estaduais atendidas pelo 2º Pelotão da 5ª Companhia do Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), da Polícia Militar do Paraná, acerca dos treinamentos de segurança escolar voltados para situações de agressor ativo. O estudo fundamenta-se na relevância crescente da temática da segurança em instituições de ensino, considerando o aumento de ataques registrados no Brasil e no mundo. A metodologia utilizada caracterizou-se como pesquisa descritiva e quantitativa, realizada por meio de questionário estruturado via Google Forms, aplicado após a realização dos treinamentos. O instrumento contou com 16 questões de múltipla escolha e escalas de avaliação, obtendo um total de 69 respostas válidas. Os resultados indicaram ampla aprovação dos conteúdos ministrados, com destaque para a aplicabilidade dos protocolos “Corra, Esconda-se ou Lute”, a importância da técnica de barricada e a percepção de maior segurança no ambiente escolar após a capacitação. Além disso, verificou-se elevada aceitação da periodicidade dos treinamentos e a valorização da parceria entre Polícia Militar e instituições de ensino. Conclui-se que os treinamentos promovidos pelo BPEC se mostraram eficazes, fortalecendo a confiança da comunidade escolar e demonstrando a necessidade de políticas públicas permanentes de prevenção e preparação para situações críticas.

535

Palavras-chave: Violência nas escolas. Massacres. Agressor Ativo. Treinamento.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the perceptions of teachers and staff from state schools served by the 2nd Platoon of the 5th Company of the Community School Patrol Battalion (BPEC) of the Paraná Military Police regarding school safety training focused on active assailant situations. The study is grounded in the growing relevance of safety in educational institutions, considering the increase in attacks recorded in Brazil and worldwide. The methodology used was characterized as descriptive and quantitative research, conducted through a structured questionnaire via Google Forms, administered after the completion of the training sessions. The instrument consisted of 16 multiple-choice questions and evaluation scales, yielding a total of 69 valid responses. The results indicated broad approval of the content delivered, highlighting the applicability of the “Run, Hide, Fight” protocols, the importance of barricade techniques, and the perception of increased safety in the school environment following the training. Furthermore, there was strong acceptance of the training frequency and an appreciation for the partnership between the Military Police and educational institutions. It is concluded that the training promoted by BPEC proved effective, strengthening the trust of the school community and demonstrating the need for permanent public policies for prevention and preparation for critical situations.

Keywords: School violence. Massacres. Active aggressor. Training.

¹Pós-Graduado em Direito Militar pela UNINA. Pós-Graduado em Educação Especial: Atendimento às Necessidades Especiais pela UNIVALE, Pós-Graduado em Docência no Ensino Superior pela UNIVALE, Pós-Graduado em Segurança Pública pela UNINA. Graduado em Licenciatura em Matemática pela UEPG.

²Pós-Graduada em Direito Militar pela UNINA. Pós-Graduada em Controladoria de Finanças pela UNICENTRO, Pós-Graduada em Segurança Pública pela UNINA. Graduada em Bacharelado em Ciências Contábeis pela UNICENTRO.

³Pós-Graduado em Polícia Comunitária pela FACUMINAS. Pós-Graduado em Segurança Pública pela UNINA, Pós-Graduado em Direito Militar pela UNINA, Pós-Graduado em Inteligência Policial pela FACUMINAS. Graduado em Licenciatura no Curso de Letras - Habilitação em Espanhol pela UNICENTRO.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil tem presenciado um crescimento alarmante dos episódios de violência em ambientes escolares, situando-se entre os países mais afetados por esse fenômeno no cenário internacional. Esse quadro evidencia a urgência de um olhar mais atento e crítico sobre as estruturas institucionais de ensino, a efetividade das políticas de segurança pública voltadas a esses espaços e a necessidade de maior mobilização da sociedade civil organizada. Além disso, destaca-se o impacto das mídias sociais e dos jogos digitais, que, em alguns contextos, contribuem para a construção de uma consciência coletiva marcada pela normalização da violência entre crianças e adolescentes, reforçando a complexidade do problema e a necessidade de ações preventivas integradas entre diferentes órgãos. (SANTOS, LR 2023)

Diante disso, a segurança no ambiente escolar constitui um dos pilares fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, pois garante não apenas a integridade física dos alunos, professores e demais profissionais da educação, mas também contribui para a construção de um espaço pedagógico saudável e livre de ameaças. Nesse contexto, o Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC) da Polícia Militar do Paraná desempenha papel estratégico ao atuar de forma preventiva e educativa nas escolas estaduais.

536

Os policiais do 2º Pelotão da 5ª Companhia do BPEC, após receberem treinamento de capacitação e atento às demandas locais, promoveu treinamentos voltados aos professores e funcionários das escolas estaduais da região, com o objetivo de capacitá-los quanto aos protocolos de segurança, medidas preventivas e estratégias de atuação em situações de risco. Considerando a relevância dessa iniciativa, foi desenvolvida uma pesquisa com os participantes, a fim de compreender suas percepções acerca da qualidade e efetividade dos treinamentos recebidos.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a satisfação dos profissionais da educação que participaram, com os treinamentos de segurança escolar promovidos pelo BPEC, evidenciando a importância da integração entre a polícia e a comunidade escolar na promoção de um ambiente seguro.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa caracterizou-se como um estudo descritivo, de abordagem quantitativa, desenvolvido por meio da aplicação de um questionário estruturado elaborado no Google Forms. O instrumento continha exclusivamente questões fechadas, com alternativas

previamente definidas pelos pesquisadores, possibilitando a obtenção de dados objetivos e comparáveis entre os participantes. A utilização desse tipo de questionário permitiu a sistematização das respostas em categorias numéricas, favorecendo o tratamento estatístico dos resultados por meio da análise de frequências e percentuais. Tal escolha metodológica justifica-se pela necessidade de identificar de forma clara e direta as percepções dos professores e funcionários a respeito do treinamento recebido, assegurando maior confiabilidade e consistência dos dados da pesquisa.

A pesquisa de abordagem quantitativa distingue-se pela utilização de procedimentos de quantificação tanto na coleta de informações quanto na análise dos dados obtidos. Seu tratamento fundamenta-se na aplicação de técnicas estatísticas, que podem variar desde operações descritivas mais simples até métodos analíticos de maior complexidade, possibilitando interpretações objetivas e mensuráveis dos fenômenos investigados. (POCINHO, MTS E MATOS, FN, 2022)

Como cita Gil (2002), nos estudos de abordagem quantitativa, após a realização do tratamento estatístico, os resultados são organizados em tabelas, elaboradas manualmente ou com o auxílio de ferramentas computacionais e a partir da análise e interpretação dessas dados, procede-se à construção do texto científico, cuja redação segue parâmetros semelhantes aos da pesquisa bibliográfica, fundamentando-se na sistematização lógica dos dados e na articulação com o referencial teórico previamente estabelecido.

Também como nos mostram Pocinho e Matos (2022) na pesquisa de natureza quantitativa, faz-se uso de amostras significativas e representativas da população estudada, selecionadas de acordo com os objetivos e o delineamento do estudo. Para o tratamento e a análise dos dados coletados, recorre-se atualmente a diferentes programas e softwares estatísticos, que permitem desde a aplicação de testes básicos até análises mais complexas, conforme o nível de significância adotado. Além disso, tais ferramentas possibilitam a organização dos resultados em tabelas e gráficos, recursos que facilitam a interpretação tanto da base de dados quanto dos achados estatísticos, contribuindo para maior clareza e objetividade na apresentação científica.

O público-alvo da investigação compreendeu os professores, diretores e funcionários das escolas estaduais atendidas pelo 2º Pelotão da 5ª Companhia do BPEC/PR, e os dados obtidos foram tabulados e analisados por meio de estatística descritiva (percentuais e frequências), permitindo identificar tendências, pontos fortes e aspectos a serem aprimorados na prática do treinamento.

1- REFERENCIAL TEÓRICO

I- PANORAMA DOS ATAQUES ESCOLARES E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Como nos mostra Santos e Chaves (2024), nos últimos anos, o Brasil tem presenciado um crescimento preocupante no número de ataques direcionados ao ambiente escolar, os quais têm se caracterizado por extrema violência e elevado potencial de letalidade. Tais eventos, são realizados por indivíduos munidos não apenas de armas de fogo, mas também de facas, machados, artefatos explosivos ou mesmo líquidos inflamáveis, e resultaram em considerável número de vítimas e impactos sociais significativos. No campo da segurança pública, esses ofensores passaram a ser conceituados sob a categoria de “agressores ativos”, terminologia que abrange não somente os chamados atiradores ativos, mas também outros agentes que utilizam diferentes instrumentos letais para a execução de seus ataques. Essa ampliação conceitual revela a necessidade de compreender a diversidade dos meios empregados, reforçando a urgência de protocolos preventivos e responsivos que contemplem múltiplos cenários de ameaça no espaço escolar.

Os ataques em instituições de ensino, em especial aqueles envolvendo “tiroteios”, foram por muito tempo tratados como um “fenômeno americano”, ainda que as evidências revelem a ocorrência de episódios semelhantes em diferentes países. Essa perspectiva reducionista acabou por limitar a construção de um quadro analítico mais abrangente acerca do perfil dos agressores e de seus padrões de comportamento, restringindo, assim, o desenvolvimento de estratégias preventivas e interventivas mais eficazes. Independentemente de tais ataques ocorrerem como casos isolados, por contágio social ou por efeito de imitação, a consideração dos contextos locais mostra-se essencial, a incorporação dessa dimensão possibilita às autoridades escolares e policiais formular respostas e políticas mais adequadas e alinhadas à realidade sociocultural em que tais eventos emergem, ampliando a efetividade das medidas de prevenção e proteção no ambiente educacional.(FRANÇA, LA, CONNEL, NM e RIBEIRO, MAS, 2024)

Também como nos mostram Garcia e Vinha (2025), as pesquisas sobre o perfil dos autores de ataques em ambientes escolares evidenciam que esses indivíduos, em sua maioria, apresentam relações interpessoais limitadas e marcadas pelo isolamento social, o que contribui para a construção de trajetórias de vulnerabilidade. Frequentemente, demonstram ausência de perspectivas de futuro e carência de propósitos claros, associadas ao interesse recorrente por armas e pela violência como forma de expressão. Observa-se ainda que muitos deles buscam inspiração em ataques anteriores, alimentando o desejo de notoriedade e reconhecimento social por meio de ações violentas. Suas crenças costumam estar permeadas por valores opressores e

discriminatórios, incluindo manifestações de preconceito, racismo, misoginia e adesão a ideologias extremistas, como, por exemplo, aquelas de caráter neonazista, reforçando padrões de intolerância. Além disso, há indícios consistentes de que parte significativa desses ofensores apresente transtornos mentais não diagnosticados ou não tratados, acompanhados de intenso sofrimento psicológico, frequentemente associado a discursos de ódio e a dinâmicas de radicalização.

Observa-se que muitos massacres escolares compartilham características semelhantes, como o perfil etário e de gênero dos agressores, o histórico de bullying e cyberbullying sofrido, o uso de armas de fogo e a presença de traços de misoginia. Frequentemente, os autores ocupam posição periférica no ambiente escolar, marcada por exclusão, preconceito ou homofobia, elementos que contribuem para a motivação do ataque. Em tais casos, a violência surge como tentativa distorcida de afirmar poder frente às humilhações vivenciadas, enquanto as instituições, muitas vezes, mostram-se despreparadas para reconhecer e intervir nas culturas de violência que toleram ou reproduzem internamente. (ANDRADE, FCB e GONÇALVES, CG, 2024)

Também como destaca o material criado pelo Governo Federal: ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escola (2023):

539

Os ataques contemporâneos contra instituições de ensino apresentam um conjunto de elementos que se articulam em sua configuração. A motivação predominante dos perpetradores costuma estar associada a sentimentos de vingança e ressentimento em relação ao ambiente escolar e à sociedade em geral. Soma-se a isso a busca pela notoriedade pública, na qual os agressores percebem os ataques como uma oportunidade de obter visibilidade e reconhecimento social. Nesse sentido, observa-se a intenção deliberada de documentar o ato e controlar a narrativa do crime, frequentemente facilitada pela presença de câmeras em escolas, pela cobertura midiática sensacionalista e pela ampla circulação de informações em plataformas digitais e redes sociais.

No que se refere ao perfil recorrente desses indivíduos, a literatura aponta predominância de jovens do sexo masculino, em sua maioria brancos, que apresentam afinidade com ideologias extremistas pautadas em discursos discriminatórios, voltados à eliminação da diferença e à fragmentação da coesão social. Entre os conteúdos mais identificados, destacam-se manifestações de supremacismo, racismo e misoginia, que reforçam valores de exclusão. A violência, nesses casos, tende a ser percebida de forma distorcida, muitas vezes associada a um imaginário lúdico semelhante ao de jogos eletrônicos, em que o ataque é planejado e vivenciado como experiência competitiva ou recreativa. Além disso, evidencia-se a veneração de armas, tanto de fogo quanto brancas, e o interesse exacerbado por massacres, genocídios e episódios de violência em espaços públicos. Esses jovens, em grande parte, expressam ainda profundo ressentimento em relação à escola e ao sistema educacional, o que reforça a necessidade de estratégias preventivas de caráter intersetorial que contemplem educação, saúde mental e segurança pública

Em primeiro lugar, é inegável que os massacres em instituições de ensino configuram uma ameaça contínua e de elevado impacto para a sociedade contemporânea. Os episódios

trágicos registrados em diferentes países evidenciam, de forma contundente, a vulnerabilidade do ambiente escolar diante de atos de violência extrema. Diante desse cenário, torna-se fundamental reconhecer a segurança escolar como prioridade estratégica, exigindo não apenas medidas emergenciais, mas também o desenvolvimento e a implementação de políticas públicas eficazes, capazes de reduzir riscos e fortalecer a proteção da comunidade educacional. (FONSECA, SA e CORDEIRO, TLC, 2023)

Nesse contexto o Estado, por intermédio de suas instituições, tem a responsabilidade de adotar medidas eficazes que assegurem um ambiente escolar protegido e favorável ao desenvolvimento integral dos estudantes, bem como à preservação da integridade de todos os que integram a comunidade educativa. Diante desse cenário, a Polícia Militar exerce papel estratégico por meio do policiamento ostensivo, cuja visibilidade é garantida pela presença de agentes uniformizados e veículos identificados, transmitindo sensação de segurança e inibição de potenciais ameaças. Em situações críticas, como a ocorrência de um agressor ativo no espaço escolar, cabe a essa força de segurança realizar a intervenção imediata. Por essa razão, torna-se imprescindível a capacitação contínua do efetivo policial, de modo a qualificá-lo para responder a eventos de elevada complexidade e minimizar riscos à vida e à ordem pública. (JUNIOR, FJFS, 2025)

As forças de segurança assumem papel central na proteção do ambiente escolar, atuando não apenas na resposta imediata a incidentes críticos, mas também na formulação e execução de estratégias preventivas. Sua efetividade, entretanto, depende da articulação com o corpo docente, gestores escolares, órgãos governamentais e a comunidade local. Essa integração intersetorial constitui elemento fundamental para o fortalecimento das iniciativas de prevenção e para a consolidação de um espaço educacional mais seguro, resiliente e preparado para enfrentar potenciais ameaças. (VANTROBA, R, 2023)

Nesse cenário, a Polícia Militar do Paraná (PMPR), por meio do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e do Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), tem desenvolvido instruções voltadas à capacitação da comunidade escolar, com foco em técnicas que ampliam as chances de sobrevivência em situações de ataque. Tais treinamentos incluem simulações práticas, nas quais professores, funcionários e alunos exercitam protocolos internacionalmente reconhecidos, como o “Correr, Esconder-se ou Lutar”, que orienta ações rápidas e estratégicas diante de uma ameaça ativa. Essa metodologia demonstra que a correta aplicação dos protocolos não apenas eleva as probabilidades de sobrevivência, mas também proporciona tempo adicional para a chegada das forças de segurança, favorecendo uma resposta mais eficaz. A prática

sistemática dessas técnicas contribui para que a comunidade escolar atue de forma coordenada, diminuindo o pânico coletivo e potencializando a segurança em cenários emergenciais. Paralelamente, reforça-se a necessidade de políticas públicas preventivas, direcionadas ao enfrentamento de fatores como ideologias extremistas, bullying e a promoção da cultura da paz, assegurando que o ambiente escolar esteja simultaneamente protegido e preparado para responder de maneira eficiente a eventuais incidentes críticos. (SANTOS, RB e CHAVES, G, 2024)

A capacitação de equipes policiais especializadas constitui elemento essencial para a resposta eficaz a situações críticas no ambiente escolar. Além disso, o monitoramento de potenciais ameaças em redes sociais e o fortalecimento da ronda escolar representam estratégias indispensáveis para a prevenção de incidentes. A aproximação entre a gestão escolar e os batalhões locais reforça os vínculos institucionais, favorecendo a cooperação em momentos de crise. Nesse contexto, destaca-se ainda a necessidade de protocolos claros de ação, que orientem os policiais militares na neutralização rápida da ameaça, na prestação de socorro imediato e na evacuação das vítimas. Paralelamente, a formação contínua de professores, alunos e funcionários é fundamental para que possam identificar precocemente comportamentos de risco, promovendo uma atuação preventiva integrada da comunidade escolar. (BOTELHO, GA, 2023)

541

No estado do Paraná, o processo de capacitação de professores e funcionários para a atuação em situações de ataque de agressor ativo teve início com o Batalhão de Operações Especiais (BOPE), cuja proposta central era preparar esses profissionais para reagirem de forma ágil e eficiente diante de emergências. As formações eram finalizadas com simulados práticos, nos quais os participantes aplicavam o protocolo internacionalmente reconhecido “Corra, Esconda-se ou Lute”, que orienta a tomada de decisão conforme a gravidade e a dinâmica do ataque. Inicialmente, a ênfase recaía sobre a preparação dos profissionais da escola, com a expectativa de que estes pudessem multiplicar os conhecimentos adquiridos junto aos estudantes, ampliando o alcance da capacitação e fortalecendo a resiliência de toda a comunidade escolar. Com o avanço do programa, o Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), que participava das formações em conjunto com o BOPE, passou a assumir a responsabilidade pela continuidade dessas ações. Atualmente, o BPEC realiza as capacitações de forma sistemática, consolidando a difusão do protocolo entre professores, funcionários e alunos, e promovendo a integração entre segurança pública e ambiente educacional. (SANTOS, RB e CHAVES, G, 2024)

Sobre a capacitação dos professores e funcionários das escolas pelos policiais, destaca Vantroba (2023):

A capacitação desses profissionais tem como objetivo preparar a comunidade escolar diante de possíveis situações de violência ou ameaças à segurança dentro das escolas bem como abordar de forma dinâmica e realista (com disparos de festim e AirSoft), os protocolos internacionais de enfrentamento de um agressor ativo (Corra – Escondar-se – Lute). A ação de capacitação desenvolvida especialmente pelo Batalhão da Patrulha Escolar Comunitária (BPEC) em conjunto com o Batalhão de Polícia de Operações Especiais (BOPE) visa a formação de monitores de segurança e oportunizam o desenvolvimento e o estabelecimento de protocolos de atuação mais eficientes e seguros. A capacitação é realizada no ambiente escolar que os professores e colaboradores trabalham e contam com exercícios simulados para estabelecer medidas e contramedidas de enfrentamento contra agressores ativos em ambiente escolar. Esse treinamento visa a capacitação dos profissionais a executarem determinados procedimentos em caso de ataques, visando principalmente a segurança dos alunos, professores e servidores da rede de ensino. Entre as aulas ministradas, os profissionais recebem instruções básicas sobre segurança escolar, atendimento pré-hospitalar de combate (APH de combate) e técnicas de defesa pessoal. A capacitação tem por objetivo é preparar a comunidade escolar diante de possíveis situações de violência ou ameaças à segurança dentro das escolas. O treinamento de agressor ativo será adotado como protocolo tanto para a comunidade escolar, quanto para as forças de segurança do Paraná.

Também como destacam Santos e Chaves (2024) sobre os treinamentos ministrados, a metodologia adotada nos treinamentos fundamenta-se no Procedimento Operacional Padrão (POP) nº 200.2 da Polícia Militar do Paraná (PMPR), assegurando uniformidade e eficácia na resposta a situações de crise. As instruções contemplam aspectos essenciais, como a correta identificação de rotas de fuga, a utilização estratégica de barricadas nas salas de aula e a preparação para a defesa ativa (“Luta”), de acordo com o protocolo estabelecido. Essa sistematização possibilita que os membros da comunidade escolar desenvolvam competências para agir de maneira rápida, coordenada e assertiva, ampliando significativamente as condições de proteção coletiva em contextos de emergência.

Como nos mostram Lima e Coelho (2023), podemos destacar sobre esse trabalho realizado pela Polícia Militar do Estado do Paraná:

A Polícia Militar do Paraná possui além de um documento denominado procedimento operacional padrão (POP) de nº 200.2, que transmite importantes informações e orientações sobre sequências de ações a serem realizadas por policiais militares que se deparam com a necessidade de atendimento de ocorrência dessa natureza, foi confeccionado e disseminado documento técnico, semelhante a uma cartilha pedagógica, amplamente divulgada nas escolas chamadas “Medidas contra agressor Ativo” e além do conhecimento teórico de como agir nestes casos, recentemente foram realizadas pela corporação através do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) em parceria com o Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), simulações sobre agressores ativos em escolas para o preparo de estudantes, professores e funcionários diante dessa situação (Lima e Coelho, 2023, p. 6 e 7)

Os professores e demais funcionários das instituições de ensino possuem responsabilidade direta na construção e manutenção de um ambiente escolar seguro. A posição que ocupam lhes confere um papel central no enfrentamento da violência, uma vez que

estabelecem vínculos de confiança e proximidade com os estudantes. Esse relacionamento os coloca em posição estratégica para identificar sinais de risco, intervir preventivamente em situações de conflito e, sobretudo, zelar pela proteção e bem-estar dos alunos sob sua tutela. (JUNIOR, FJFS, 2025)

Como também nos mostra Vantroba (2023), o papel dos profissionais da educação no enfrentamento da violência e dos ataques em instituições de ensino assume caráter complexo e diversificado, exigindo uma abordagem integrada que contemple tanto a prevenção quanto a intervenção imediata e o suporte contínuo às comunidades escolares. Esses profissionais não apenas atuam como agentes de ensino, mas também desempenham funções estratégicas na identificação precoce de comportamentos de risco, na mediação de conflitos e na construção de uma cultura de paz que fortaleça os vínculos sociais e reduza a probabilidade de incidentes críticos. Para que essa atuação seja efetiva, torna-se imprescindível a articulação constante com outros segmentos — incluindo forças de segurança pública, equipes de saúde, gestores escolares, famílias e a própria comunidade local — de modo a constituir uma rede de proteção sólida, capaz de responder de forma coordenada diante de ameaças. Além disso, cabe aos educadores contribuir para a criação de um ambiente pedagógico que favoreça não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o crescimento socioemocional dos estudantes, preparando-os para lidar com adversidades e fortalecendo sua resiliência. Assim, a participação

O ambiente escolar também é importantíssimo, como destacam Garcia e Vinha (2025):

A escola pode ser cenário de violência e sofrimento emocional, mas também pode ser um espaço privilegiado de prevenção das violências, de proteção e de vínculos de afeto. É na esfera escolar que a criança vivencia a igualdade e adquire habilidades para lidar com a diversidade, marcando a transição do âmbito privado para o coletivo. Nesse espaço, valores da comunidade em que a criança ou jovem estão inseridos, como preconceitos ou misoginia, podem ser transformados em valores socialmente desejáveis, como aprendizagem da igualdade e respeito à diversidade. São nos ambientes das instituições educacionais que se pode propiciar uma convivência que priorize o cuidado, o pertencimento e o bem-estar de todos. Urge, portanto, a construção de políticas públicas efetivas de promoção da melhoria do clima e convivência escolar, tanto no âmbito escolar, quanto nas redes.

2- DA OCORRÊNCIA À PREPARAÇÃO: ESTRUTURAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO TREINAMENTO EM SEGURANÇA ESCOLAR

Em abril de 2023, um homem de 25 anos invadiu a Creche Cantinho Bom Pastor, em Blumenau (SC), de posse de uma machadinha, atacou sem distinção as crianças, resultando na

morte de quatro menores (entre 5 e 7 anos) e deixando outras cinco feridas. O autor foi imediatamente detido após entregar-se à Polícia Militar. Em agosto de 2024, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina o condenou a 220 anos de prisão por quatro homicídios qualificados e cinco tentativas de homicídio. (CNN BRASIL, 2024)

Na esteira do ataque perpetrado contra a referida creche em Santa Catarina, observou-se um aumento abrupto da percepção de risco no ambiente educacional. A possibilidade de eventos subsequentes gerou apreensão generalizada entre gestores, docentes e famílias, impondo às instituições de ensino a necessidade de respostas técnicas rápidas e coordenadas. Nesse contexto, a Polícia Militar do Paraná, por intermédio do Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), recebeu instruções especializadas do Batalhão de Operações Especiais (BOPE/PMPR) sobre gestão de incidentes com agressor ativo, com vistas a padronizar procedimentos e qualificar a atuação preventiva e reativa no âmbito escolar.

A partir desse processo de formação de multiplicadores, equipes do BPEC passaram a ministrar capacitações à rede estadual de ensino. O percurso pedagógico foi estruturado em dois eixos complementares: teórico e prático. Na etapa teórica, apresentou-se um panorama histórico dos ataques a instituições de ensino no mundo, com destaque analítico para casos emblemáticos — como Columbine — e para episódios de alta repercussão no Brasil, a exemplo de Realengo. Essa revisão foi apoiada por materiais audiovisuais e por uma sistematização de lições aprendidas, enfatizando vulnerabilidades recorrentes, fatores precipitantes e padrões operacionais observados. Nessa mesma etapa, foram discutidos o perfil e os indicadores comportamentais associados a potenciais ofensores, bem como o protocolo de resposta: Corra, Esconda-se ou Lute, explicitando seus fundamentos, sequenciamento decisório e limites de aplicação.

A fase prática privilegiou simulações progressivas em ambiente controlado, voltadas à internalização de comportamentos protetivos e à coordenação entre atores escolares. Professores e funcionários foram exercitados em técnicas básicas de reconhecimento de rotas de fuga, comunicação de emergência, uso de abrigo improvisado e procedimentos de contenção passiva do acesso (barricada), sempre com ênfase na preservação da vida e na redução de danos até a chegada das forças de segurança. Para aumentar a fidedignidade situacional e o gerenciamento do estresse, os cenários foram iniciados por estímulos auditivos simulados (disparos de airsoft ou munição de festim), seguidos da corrida controlada às salas e da execução da técnica de barricada conforme protocolos previamente instruídos.

Essa arquitetura didático-operacional buscou articular conhecimento situacional, tomada de decisão sob estresse e coordenação coletiva, reduzindo a probabilidade de pânico desorganizado e ampliando o “tempo de sobrevivência” até a intervenção policial. A experiências práticas foram continuamente revisadas, com feedback imediato sobre aderência aos procedimentos e oportunidades de melhoria, assegurando a consolidação dos aprendizados e a aderência aos padrões institucionais.

Após a conclusão das atividades teóricas e práticas, procedeu-se à aplicação de um instrumento avaliativo com o objetivo de verificar a percepção dos participantes acerca da capacitação recebida. Para tanto, foi elaborado um questionário estruturado no Google Forms, pelos autores deste artigo, direcionado a professores e funcionários das escolas estaduais que participaram do treinamento conduzido pelo Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC).

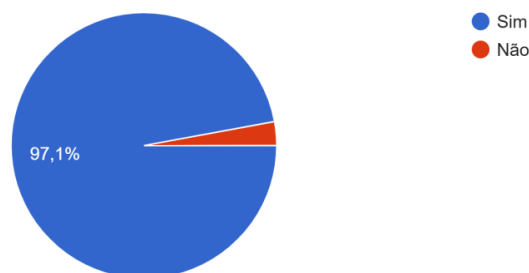
A pesquisa teve como propósito avaliar a efetividade pedagógica e operacional das instruções, observando tanto a clareza e relevância dos conteúdos teóricos apresentados, quanto a aplicabilidade das técnicas vivenciadas na etapa prática. Dessa forma, buscou-se compreender em que medida os treinamentos contribuíram para aumentar a sensação de preparo dos profissionais e para consolidar protocolos de resposta a situações envolvendo agressores ativos.

O questionário foi composto por 16 perguntas, abrangendo questões de múltipla escolha, de modo a captar percepções quantitativas dos respondentes. Ao final do processo, obteve-se um total de 69 respostas válidas, representando uma amostra significativa dos profissionais capacitados. Os resultados dessa coleta de dados, sistematizados em gráficos e tabelas, serão apresentados neste artigo, acompanhados de análise interpretativa e discussão à luz da literatura especializada em segurança escolar

545

Figura 1 - Eficácia do Treinamento.

Você considera eficaz do treinamento recebido pela Polícia Militar em relação à preparação para lidar com situações extremas em ambientes escolares?
69 respostas



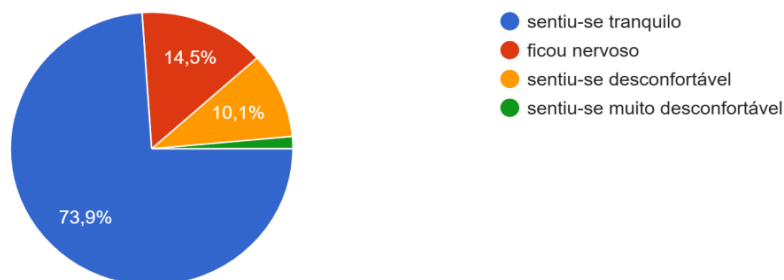
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Como mostrado na **figura 1** a maioria dos participantes (97,1%) consideram eficaz o treinamento ministrado pelos policiais do 2º Pelotão da 5ª Cia do BPEC.

Figura 2 - Reação rápida diante de situações de emergência.

Como você se sentiu ao aprender sobre a necessidade de agir rapidamente em casos de emergência dentro da escola?

69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

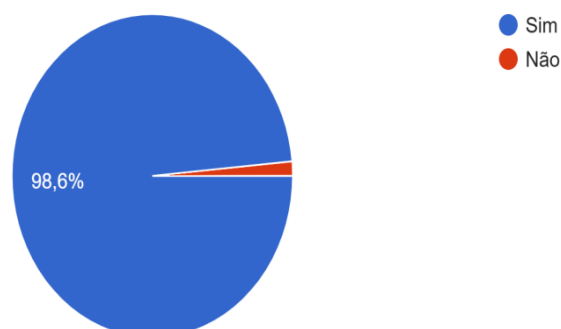
Neste caso foi questionado sobre o sentimento dos participantes sobre a necessidade de agir rápido em situações de emergência e diante de um simulado onde era realizada uma atividade prática simulando um ataque, as respostas novamente foram muito boas, com mais de 70% respondendo que ficaram tranquilos diante de tal necessidade.

546

Figura 3 - Técnica de Barricada

Sobre a parte prática do treinamento, você considera importante a técnica de barricada?

69 respostas



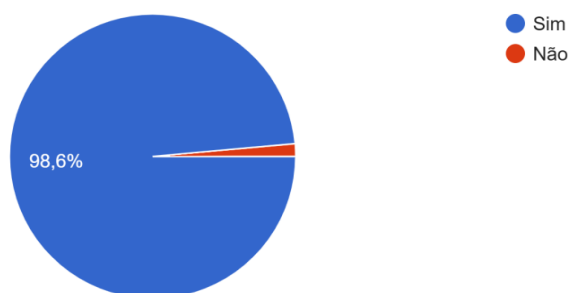
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Durante as instruções foi ensinado os funcionários sobre a técnica de barricada, que é um procedimento que consiste em trancar-se dentro de uma sala de aula e, junto com os alunos, usar tudo o que estiver disponível para bloquear a porta, como mesas, cadeiras, armários ou outros móveis pesados, o objetivo é dificultar a entrada do agressor e ganhar tempo até a

chegada da polícia. Além disso, durante a barricada, as luzes devem ser apagadas e o silêncio deve ser mantido, para que quem está dentro da sala não seja facilmente identificado. Pelas respostas obtidas a técnica foi muito bem recebida pelos profissionais, tendo 98,6% de aprovação.

Figura 4 - Utilidade das técnicas de luta.

Você achou útil as técnicas de luta aprendidas no treinamento?
69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

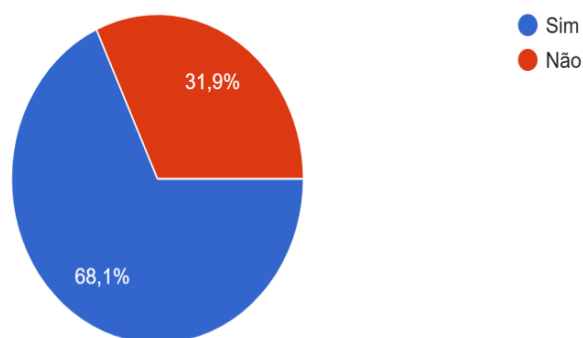
Sobre as técnicas de luta ensinadas, podemos observar que a maioria dos entrevistado 98,6% achou útil as técnicas ensinadas.

Como última alternativa, quando se esgotam as possibilidades de ocultação e de evacuação, a vítima pode ser obrigada a reagir fisicamente ao agressor. Nessas situações de confronto inevitável, é imprescindível adotar medidas que aumentem as probabilidades de êxito e preservem a vida. Deve-se reconhecer que, no momento crítico, todos os meios lícitos e proporcionais disponíveis podem ser empregados para neutralizar a ação violenta, desde objetos improvisados como instrumentos de defesa até técnicas corporais capazes de interromper a progressão do ataque, sempre com atenção à proporcionalidade e à integridade física envolvida. A revisão da literatura e a existência de iniciativas de capacitação indicam que um aperfeiçoamento do preparo por meio de aulas de defesa pessoal, com ênfase em técnicas específicas para confrontos com indivíduos armados, pode elevar as chances de sobrevivência de alunos, professores e demais profissionais escolares. É preciso, contudo, reiterar que o contato de uma pessoa desarmada com um agressor portando arma de fogo ou arma branca apresenta risco elevado. O objetivo do treinamento deve ser, portanto, reduzir riscos e aumentar possibilidades de fuga ou contenção segura, não fomentar confrontos desnecessários. (LIMA e COELHO, 2023)

Figura 5 - Uso das técnicas de luta aprendidas.

Você acha que se um agressor ativo entrasse em sua sala de aula, você estaria apto(a), após este treinamento a utilizar as técnicas de lutas repassadas pelos policiais?

69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

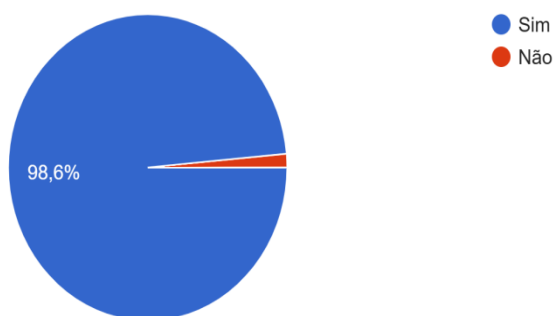
Com relação a aptidão para utilizar as técnicas de lutas em situações com agressores ativos, 31,9% responderam que não estariam aptos, esta resposta poderia ser mais positiva se os treinamentos fossem contínuos.

Figura 6 - Aplicabilidade do treinamento ministrado.

548

Você acredita que os conhecimentos adquiridos durante o treinamento, são aplicáveis em situações reais de emergência escolar?

69 respostas



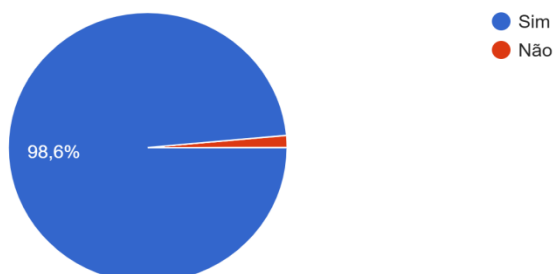
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Novamente a maioria 98,6% achou que todo treinamento recebido é aplicável no ambiente escolar em situações com agressores ativos, demonstrando a relevância do treinamento ministrado.

Figura 7 - Envolvimento da Polícia Militar

Você considera importante o envolvimento da Polícia Militar em treinamentos como esse para a segurança escolar?

69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Destacamos com a **figura 7** a importância do treinamento ser ministrado pelos policiais militares.

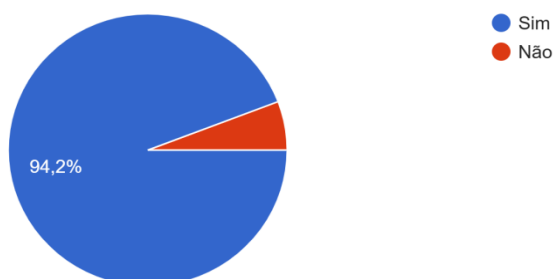
Como nos mostra Vantroba, 2023, a prevenção e a contenção da violência no ambiente escolar demandam uma estratégia ampla, articulada e integrada, que envolva de forma efetiva o poder público, as forças de segurança, os profissionais da educação e a comunidade. A construção de um espaço escolar verdadeiramente seguro depende da participação conjunta desses atores sociais, pois apenas por meio de uma cooperação estruturada e contínua será possível assegurar condições favoráveis ao aprendizado, ao desenvolvimento integral dos estudantes e ao fortalecimento de uma cultura de paz. Nesse contexto, a escola deixa de ser vista apenas como espaço de ensino, passando a consolidar-se como um núcleo de proteção social e de promoção da cidadania.

549

Figura 8 - Sensação de segurança no ambiente escolar pós treinamento.

Você sentiu que o treinamento proporcionou uma sensação de segurança adicional no ambiente escolar?

69 respostas



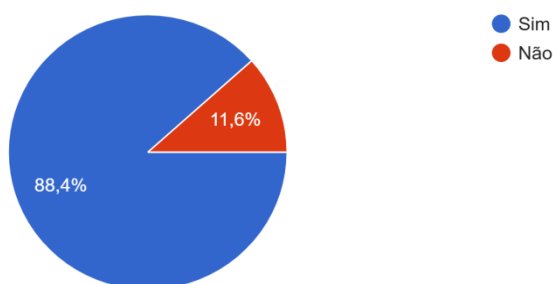
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A **figura 8** nos mostra que pós treinamento a grande maioria (94,2%) se sente mais segura

Figura 9 - Adequação do treinamento para formação de líderes em situações de crise.

Você sentiu que os professores e diretores foram adequadamente capacitados para liderar e orientar os alunos durante uma situação de crise?

69 respostas



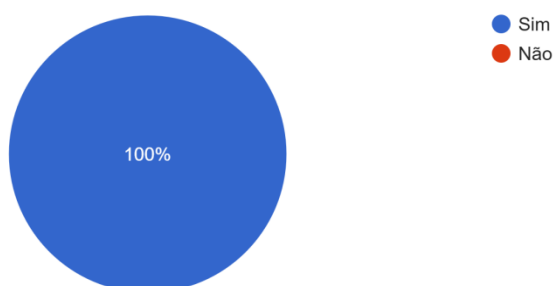
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Já na **figura 9** destacamos que durante um ataque à escola é importante termos pessoas para liderar a utilização das técnicas aprendidas durante a instrução, e pós treinamento 88,4% se sentem capacitados para liderar essas situações extremas.

Figura 10 - Periodicidade dos treinamentos.

Você acredita que os treinamentos deveriam ser periódicos para garantir que todos os funcionários da escola estejam sempre preparados para agir em casos de emergência?

69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

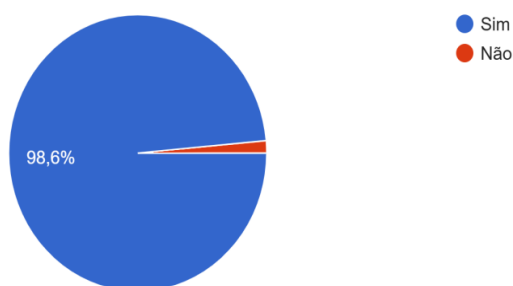
Na **figura 10** podemos destacar a importância da periodicidade dos treinamentos, que deveriam no mínimo ser anuais, e essa importância é ressaltada pelos funcionários que participaram dos treinamentos, com 100% respondendo que é necessário que os treinamentos sejam periódicos.

Como nos mostra Vantropa (2023), a realização de capacitações periódicas e contínuas direcionadas às forças de segurança, posteriormente estendidas aos professores, configura-se como uma estratégia essencial para o fortalecimento da segurança no ambiente escolar. Essa prática não apenas amplia a capacidade de resposta frente a potenciais ameaças, como também promove a preparação integrada de toda a comunidade educacional, assegurando maior eficiência e coordenação nas ações preventivas e reativas.

Figura 11 - Importância da colaboração da Polícia Militar e instituições de ensino.

Você considera importante a colaboração entre a Polícia Militar e as instituições de ensino na implementação desses treinamentos?

69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

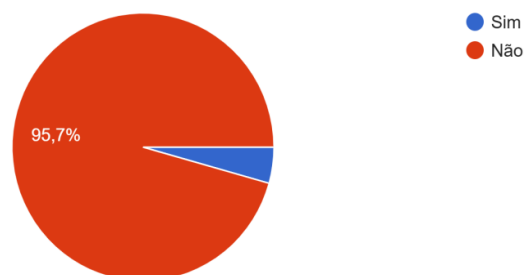
Na **figura 11** é importante destacarmos que a maioria dos entrevistados (98,6%) considera importante essa colaboração entre as forças de segurança e as de ensino no combate aos ataques em escolas.

551

Figura 12 - Resistência quanto ao treinamento.

Você percebeu alguma resistência por parte dos professores ou da comunidade escolar em relação à realização dessas palestras e treinamentos?

69 respostas



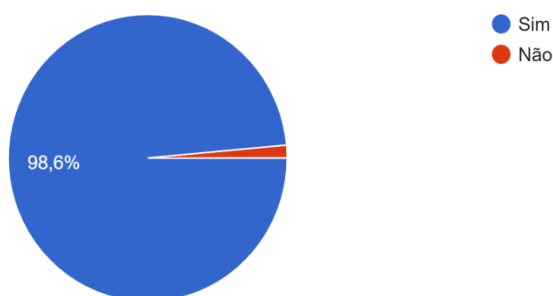
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Destacamos, na **figura 12**, a excelente aceitação dos participantes ao treinamento realizado.

Figura 13 - Expansão dos treinamentos.

Você acredita que os treinamentos poderiam ser expandidos para incluir outros tipos de situações de emergência, além de ataques ativos?

69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

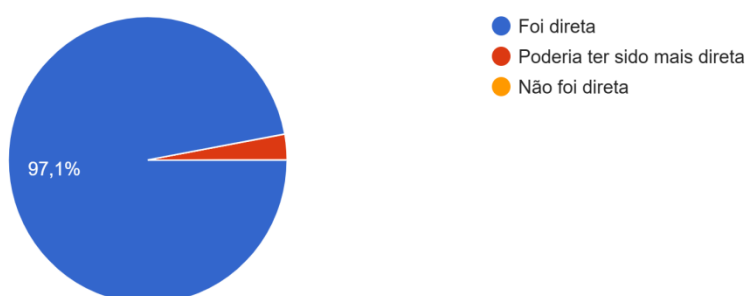
Na **figura 13** podemos ver que o treinamento foi tão importante que os profissionais desejam até mesmo uma expansão dos treinamentos.

Figura 14 - Treinamento teórico.

552

A maneira da abordagem do assunto, tanto teórica como prática pelos policiais poderia ser mais direta?

69 respostas



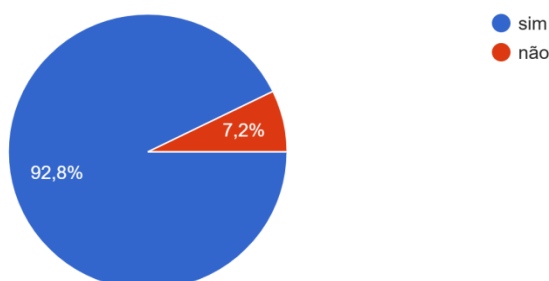
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Com a **figura 14** foi avaliado se o treinamento ministrado foi direto, e obtivemos 97,1% dos entrevistados respondendo que sim o treinamento foi direto, ressaltando a importância e a qualidade das instruções ministradas.

Figura 15 - Obrigatoriedade dos treinamentos.

Você considera importante o curso sobre agressor ativo ao ponto de que deveria ser obrigatório à toda a Comunidade Escolar?

69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

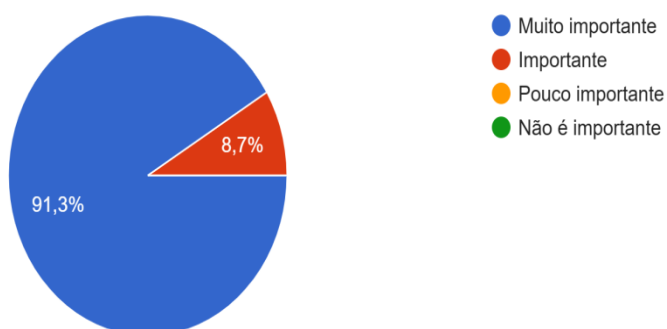
Aqui novamente podemos destacar que o treinamento foi muito bem aceito, e atualmente as instruções são ministradas quando solicitadas por núcleos de educação, mas os participantes responderam em sua grande maioria (92,8%) que gostariam que as instruções fossem obrigatórias, destacando novamente a importância do treinamento ministrada e a boa aceitação por parte da comunidade escolar.

Figura 16 - Importância do treinamento.

553

Como você classificaria a importância do treinamento ministrado pela Patrulha Escolar Comunitária de Irati sobre o agressor ativo

69 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Por fim na **figura 16** a maioria 91,3% achou o treinamento muito importante para as situações envolvendo o agressor ativo.

2.1- IMPACTOS DOS TREINAMENTOS E A CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS INTEGRADAS

A análise dos dados obtidos junto a 69 participantes da pesquisa revelou elevada satisfação com os treinamentos ministrados pelo 2º Pelotão da 5ª Companhia do Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária. Os resultados apontam que a maioria absoluta dos professores e funcionários considera os conteúdos apresentados relevantes para o fortalecimento da segurança escolar, destacando o preparo técnico dos instrutores, a clareza das orientações e a aplicabilidade das estratégias apresentadas.

Nos gráficos analisados, observa-se que mais de 80% dos participantes avaliaram os treinamentos como “ótimos” ou “bons”, enquanto apenas uma fração minoritária sugeriu ajustes pontuais, como maior aprofundamento em protocolos de resposta rápida a situações de risco. Outro ponto relevante foi a percepção de que a temática dos agressores ativos — indivíduos que, de forma planejada ou impulsiva, atentam contra a comunidade escolar — é de extrema importância para a realidade contemporânea. Isso reflete a preocupação crescente de professores com episódios de violência em escolas no Brasil e no exterior.

A discussão dos resultados permite inferir que os treinamentos não apenas ampliaram o conhecimento dos docentes sobre medidas de autoproteção e protocolos emergenciais, mas também reduziram a sensação de vulnerabilidade, fortalecendo a confiança na parceria entre escola e a polícia. Além disso, os dados corroboram pesquisas recentes que apontam a necessidade de capacitar a comunidade escolar como parte fundamental da prevenção a crimes de maior gravidade.

Para os próximos anos, revela-se imprescindível que o Estado do Paraná avance de forma sistemática no aprimoramento de seus mecanismos de prevenção e resposta frente às ameaças que recaem sobre o ambiente escolar. Esse processo deve contemplar não apenas o fortalecimento das estruturas de segurança já existentes, mas também a criação de políticas públicas integradas que articulem de maneira efetiva as forças policiais, gestores educacionais, professores, alunos e famílias. A participação ativa da comunidade escolar torna-se elemento estratégico nesse cenário, uma vez que a construção de um espaço seguro depende da cooperação contínua entre todos os atores sociais envolvidos. Dessa forma, a implementação de programas permanentes de capacitação, o investimento em tecnologias de monitoramento e comunicação ágil, bem como o estabelecimento de protocolos claros e amplamente difundidos, são ações que contribuem para consolidar a resiliência das instituições de ensino. Além disso, a segurança escolar não deve ser compreendida apenas como proteção física contra ameaças

externas, mas também como condição fundamental para a promoção do desenvolvimento educacional e social dos estudantes. Assim, ao assegurar escolas mais protegidas, o Estado não apenas previne situações de crise, mas também fomenta um ambiente pedagógico saudável, capaz de fortalecer vínculos de confiança, estimular a convivência pacífica e preparar cidadãos conscientes para a vida em sociedade. (SANTOS, RB e CHAVES, G, 2024)

3- DA CAPACITAÇÃO À POLÍTICA PERMANENTE: CAMINHOS PARA ESCOLAS MAIS SEGURAS

É importante ressaltar que as medidas adotadas para prevenção dos ataques á escolas e os treinamentos realizados têm contribuído para a melhora na sensação de segurança e também na resposta rápida, mas temos que pensar também em outros pontos importantes, como destacam Santos e Chaves (2024), a construção de um ambiente escolar seguro demanda um conjunto de ações integradas que ultrapassam a dimensão da resposta emergencial, envolvendo também medidas permanentes de caráter preventivo. Nesse sentido, destaca-se não apenas a necessidade de treinamentos contínuos direcionados a professores, funcionários e estudantes, voltados à preparação para situações de risco e à correta aplicação de protocolos de autoproteção, mas igualmente a implementação de programas preventivos abrangentes, capazes de contemplar aspectos psicológicos, sociais e comportamentais que influenciam a dinâmica escolar. O monitoramento e acompanhamento especializado de alunos que apresentem sinais de sofrimento psíquico, desvios comportamentais ou indicadores de vulnerabilidade emocional configuram etapas fundamentais para a identificação precoce de riscos potenciais. Essa abordagem preventiva favorece a adoção de intervenções oportunas e eficazes, reduzindo significativamente a probabilidade de ocorrência de episódios violentos. Assim, ao combinar capacitação técnica, suporte psicossocial e estratégias de vigilância educativa, cria-se uma rede de proteção mais ampla e estruturada, capaz de fortalecer a resiliência das instituições de ensino e de mitigar, de forma consistente, o potencial de novos ataques em ambiente escolar.

Com base nos resultados da pesquisa e na literatura especializada, destacam-se algumas estratégias para aprimorar a segurança nas escolas diante da ameaça de agressores ativos:

- i. Treinamentos periódicos e simulados práticos: manter capacitações regulares com exercícios de evacuação, protocolos de confinamento e primeiros socorros em cenários de crise.
- ii. Planos de contingência integrados: cada escola deve possuir um plano específico de resposta a emergências, elaborado em parceria com o BPEC e autoridades de segurança local.
- iii. Integração tecnológica: instalar sistemas de monitoramento por câmeras, alarmes silenciosos e canais diretos de comunicação com a Polícia Militar para acionamento imediato.

iv. Fortalecimento da cultura preventiva: envolver alunos, pais e comunidade em palestras e campanhas educativas, reforçando a importância da cooperação para a segurança coletiva.

v. Apoio psicológico: disponibilizar acompanhamento especializado a estudantes e funcionários, uma vez que fatores emocionais e sociais podem estar ligados a comportamentos violentos.

vi. Ampliação da cooperação interinstitucional: articular parcerias entre Núcleos Regionais de Educação, Secretarias Municipais de Educação, Polícia Militar e Conselhos Tutelares para identificar riscos precocemente e agir de forma preventiva.

vii. Capacitação ampliada dos policiais militares: investir em treinamentos específicos sobre atuação em ocorrências em ambientes escolares, incluindo negociação em crise, abordagem em áreas de grande concentração de pessoas e técnicas de neutralização de agressores ativos.

viii. Palestras de conscientização: promover encontros periódicos entre Policiais Militares e a comunidade escolar, abordando temas como prevenção da violência, cyberbullying, uso responsável da internet e fortalecimento da cultura de paz.

ix. Mapeamento de vulnerabilidades escolares: em parceria com diretores e professores, a Polícia Militar pode realizar visitas técnicas para identificar pontos frágeis na estrutura física e nos procedimentos de segurança, propondo ajustes práticos para minimizar riscos.

x. Criação de uma rede de segurança comunitária: integrar pais, alunos, professores, gestores e policiais em grupos de comunicação e vigilância colaborativa, visando ampliar a capacidade de detectar e relatar situações suspeitas

Em resumo, os dados evidenciam que os treinamentos têm contribuído para preparar a comunidade escolar diante de ameaças potenciais. Contudo, reforça-se a necessidade de transformar tais ações em uma política permanente de segurança escolar, com ênfase na prevenção de agressores ativos e na promoção de um ambiente educacional protegido e resiliente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados neste estudo demonstram de forma inequívoca a relevância dos treinamentos ministrados pelo 2º Pelotão da 5ª Companhia do Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), revelando elevada aceitação e reconhecimento por parte dos professores e funcionários das escolas participantes. A análise das percepções coletadas evidencia que tais capacitações contribuem não apenas para o fortalecimento da segurança física no ambiente escolar, mas também para a construção de um sentimento coletivo de preparo e confiança diante de possíveis situações críticas.

Constata-se que os protocolos repassados, aliados à prática de técnicas como a barricada e ao estudo de casos de ataques ocorridos em diferentes contextos, ampliaram a capacidade de resposta da comunidade escolar frente a cenários de agressor ativo. A integração entre instrução

teórica e simulação prática possibilitou que os participantes internalizassem condutas protetivas, reduzindo o risco de pânico desorganizado e aumentando o tempo de sobrevivência até a chegada das forças de segurança.

Entretanto, os achados também reforçam a necessidade de continuidade e periodicidade das capacitações, de modo a consolidar habilidades adquiridas e minimizar a perda de eficiência decorrente da ausência de treinamentos regulares. A segurança escolar, nesse sentido, deve ser compreendida como um processo permanente e intersetorial, que exige não apenas a atuação da Polícia Militar, mas também a corresponsabilidade de gestores educacionais, profissionais da educação, famílias e comunidade.

Diante da gravidade dos episódios de violência escolar registrados no Brasil e no mundo, torna-se muito importante transformar os treinamentos avaliados neste estudo em política pública consolidada e sustentável, com alcance ampliado a diferentes regiões e níveis de ensino. Somente por meio de uma estratégia articulada, que contemple prevenção, preparação e resposta, será possível assegurar que o ambiente escolar se configure como espaço de proteção, aprendizagem e desenvolvimento integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, FCB, GONÇALVES, CG. Escolas, palco e alvo de massacres: (trans)formações do código da violência. *Estilos da Clínica*, 2024, V. 29, nº 3, p. 328-342.

ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, estabelecido pela Portaria 1.089 de 12 de junho de 2023. Relator: Daniel Cara (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo). Brasília - DF, 2023.

BOTELHO, GA. Projeto de intervenção para capacitação e treinamento de Multiplicadores em atendimento a ocorrência de crise com Agressor Ativo. MA. Dissertação (Especialização em Gestão de Segurança Pública) - Universidade Federal do Maranhão e Polícia Militar do Maranhão (PMMA), São Luís, 2023

CNN. Homem que cometeu ataque em creche de SC é condenado a 220 anos de prisão. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/homem-que-cometeu-ataque-em-creche-de-sc-e-condenado-a-220-anos-de-prisao/>. Acesso em: 09 set. 2024.

LIMA, AHS, COELHO, FM. Aprimoramento da defesa pessoal como último recurso para lutar contra Agressores Ativos em escolas do Paraná. *RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia*, v.4, n.9, 2023.

FONSECA, SA, CORDEIRO, TLC. Análise das políticas públicas na prevenção dos massacres nas escolas à luz do direito. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.9.n.09. set. 2023.

FRANÇA, LA, CONNEL NM, RIBEIRO, MAS. Ataques nas escolas no Brasil: Pesquisa descritiva sobre as características dos incidentes ocorridos entre 2001 e 2024. BOLETIM IBCCRIM – ANO 32 – N.º 383 – OUTUBRO DE 2024 – ISSN 1676-3661.

GARCIA, C, VINHA, T. Ataques de violência extrema às escolas no Brasil. Revista de Educação PUC-Campinas. Campinas, v. 30, e14431, 2025.

Gil, AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002

JÚNIOR, FJFS, A importância da implementação do plano de ação preventivo e reativo contra agressor ativo no ambiente escolar. RevPMMS, Vol. 2, nº 2, Ago/2025.

LOUZADA, MC. A educação como direito humano: o fenômeno dos ataques de violência extrema contra as escolas. Revista Caderno Pedagógico – Studies Publicações e Editora Ltda., Curitiba, v.21, n.7, p. 01-28. 2024.

SANTOS, LR. Violência na escola: Complexidades e desafios da contemporaneidade e o papel da Polícia Militar neste enfrentamento. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.9.n.04. abr. 2023. ISSN -2675 -3375.

SANTOS, RB, CHAVES, G. Agressores ativos em escolas brasileiras: Análise e propostas de mitigação para as escolas do Paraná. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v. 10, n. 10, out. 2024. ISSN: 2675-3375.

SEIXAS, TS, JACOB, A. A efetividade das medidas socioeducativas diante dos massacres em escolas no Brasil. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.8, 2023, ISSN 2178-6925.

SILVA, JMAP, SALLES, LMF. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010. Editora UFPR

PACHECO, RL, FREITAS, MB. Atiradores ativos em escolas: estratégias de proteção e treinamento para professores e alunos. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.11, n.4, p. 01-18, 2025.

POCINHO, MTS, MATOS, FN. Metodologias de Pesquisa e de Investigação: qualitativa, quantitativa, quantiquantitativa, qualiquantitativa e revisões sistemáticas. Coimbra: Escola Superior de Tecnologia da saúde de Coimbra, 2022.

VANTROBA, Rodrigo. O papel vital do treinamento contínuo de Policiais Militares na prevenção e intervenção contra atividades de Agressores Ativos em ambientes escolares. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.9.n.12. dez. 2023. ISSN - 2675 - 3375